

**DE LIBERALITAS IULIA A YÁBURA – A EVOLUÇÃO DIACRÓNICA DE
ÉVORA A PARTIR DO EXEMPLO DO PAÇO DOS LOBO DA GAMA
(SÉC. I – XII D.C.). RESULTADOS PRELIMINARES**

Eva Margarida Basílio¹
José Rui Santos²

Resumo:

Das intervenções arqueológicas ocorridas na área urbana de Évora nos últimos anos resultou um conjunto de vestígios materiais bastante significativo e heterogéneo, com cronologias distintas, de entre as quais sobressaem as do período romano e medieval-islâmico. Destacam-se os resultados obtidos nas intervenções arqueológicas levadas a cabo na zona do edifício do Paço dos Lobo da Gama (2008-2009), as quais possibilitaram uma leitura diacrónica acerca do processo evolutivo urbano de Évora, que apresenta um segmento temporal para a época romana, situando *o terminus post quem* no século I e *o terminus ante quem* no século IV. O balizamento cronológico da ocupação medieval – islâmica é um pouco mais curto, fixando-se desde o final do século XI até à conquista cristã, em 1165.

Palavras-chave: Liberalitas Iulia, Yábura, diacronia histórica, evolução urbana

Abstract:

The archaeological interventions occurred in the urban area of Évora in recent years has resulted in a number of very significant and heterogeneous material remains, with different chronologies, among which stand out the Roman and Medieval-Islamic period. The results obtained in the archaeological interventions carried out in the building of the Paço dos Lobo da Gama (2008-2009), which allowed a diachronic reading about urban evolutionary process of Évora, which presents a temporal segment to the Roman era, reaching the *terminus post quem* in the first century a.C. and the *terminus ante quem* in the IV b.C. century. The chronological beacon of the Islamic

¹ Arqueóloga, Mestranda (UÉ) - evamfbasilio@gmail.com

² CHIDEUS- UÉ, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Palácio do Vimioso, Largo do Marquês de Marialva, n.º 8, 7000, Évora, Portugal, jr.ribeiro.santos@gmail.com

occupation is a little shorter, settling from the late eleventh century until the Christian conquest in 1165.

Key-words: Liberalitas Iulia, Yábura, historical diachrony, urban evolution

1. O Paço dos Lobo da Gama: análise do conjunto arqueológico

Os vestígios mais antigos encontrados em Évora datam do século I d.C., indicando que a cidade foi fundada com a chegada e estabelecimento do povo romano, o qual instaurou várias inovações e transformações na cidade. Foram os romanos que criaram pela primeira vez realidades verdadeiramente urbanas, bem como novas e mais eficientes vias de comunicação.

A matriz de Évora é tipicamente romana, a qual assume as orientações urbanísticas de Vitrúvio tal como qualquer outra urbe pertencente ao Império. A prova disso é a existência de vestígios dos dois principais eixos que uma típica cidade suportava naquela época, como é o exemplo do *cardus* e *decumanus* (DELFANTE, 2000:32). O troço do *decumanus* foi colocado a descoberto em escavações que foram realizadas na Rua Vasco da Gama, e dada a sua localização fazendo o seu prolongamento para fora do centro urbano, coloca-se a suposição de que este poderia passar perto da zona do Paço dos Lobos da Gama, em período romano.

No que toca à zona periurbana da cidade, pouco se sabe sobre a sua dinâmica e evolução, porém, com a construção da muralha no século III-IV d.C. que abrangia uma área de 12ha e tinha uma extensão de quase dois mil metros, efetuou-se a separação entre o núcleo central da cidade, daquela que poderia ser composta por zonas habitacionais isoladas, próximas entre si ou até mesmo encostadas à cerca amuralhada.

A muralha parece ter sido construída devido ao facto, de provavelmente se verificar, “*um sintoma da crescente aproximação bárbara ao território alentejano nos séculos III/IV d.C. A urbe que, muito possivelmente, não dispunha de um aparelho defensivo viu-se, então, na necessidade de uma reestruturação, reduzindo o espaço urbano e erguendo uma estrutura amuralhada que abarcasse os mais importantes edifícios públicos*” (VAL-FLORES, 2005:157).

No momento da construção desta muralha, aconteceram por todo o Império as mais importantes transformações civilizacionais que conduziram à alteração do

paradigma cultural e da organização social e urbana das cidades. No período Baixo-Imperial notou-se uma progressiva ruína das cidades a nível físico, pois com a construção das muralhas a área urbana ficou diminuída.

Poderá haver menos vestígios de estruturas arqueológicas de cronologia romana fora das muralhas, pelo facto de que a sua construção tardia obrigou ao abandono dos edifícios extramuros, porém, tal acontecimento não afetou o Paço dos Lobos da Gama.

Posto isto, supõe-se que o Paço dos Lobos da Gama no século IV poderia se encontrar na zona periurbana da cidade, porém nos séculos anteriores à construção da muralha não se sabe ao certo em que panorâmica se encontrava. Poderia encontrar-se isolado ou “ligado” por outros espaços com a mesma ou distinta funcionalidade. No entanto, nada se pode afirmar relativamente a este aspeto, e dada esta lacuna, persistem ainda inúmeras questões no que toca à organização e dimensão da cidade (VAL-FLORES, 2005:61).

O edifício do Paço dos Lobo da Gama localiza-se entre a rua Serpa Pinto e a Travessa da Milheira, no quadrante ocidental da cidade de Évora. O local foi alvo de intervenções arqueológicas em 2007/2008, no âmbito do processo de minimização sobre o património histórico e arqueológico, segundo o projeto colocado em prática na altura da reabilitação do Paço. Os trabalhos foram realizados no espaço externo do edifício residencial, área destinada à construção de um parque automóvel subterrâneo e foram abertos 6 setores (ARKEOHABILIS, 2008:9).

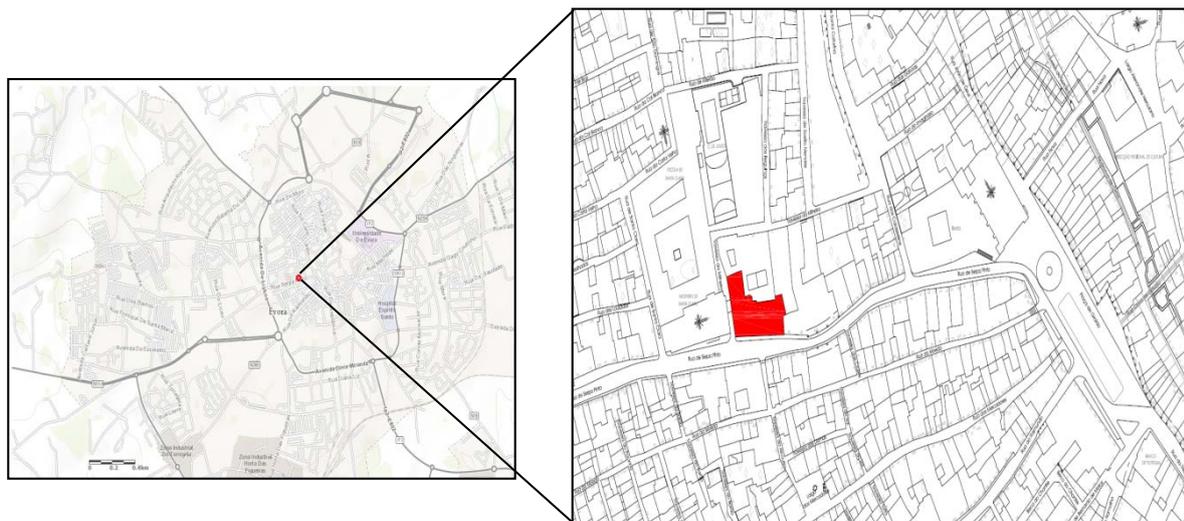


Fig. 1 – Localização do Edifício do Paço dos Lobo da Gama.

Aquando das escavações, este local revelou-se com grande potencial, visto que enquanto espaço físico subsiste há vários séculos desde o período romano até à atualidade, apresentando sempre uma função própria consoante o seu período de ocupação.

As estruturas de período cronológico romano não foram encontradas em todos os setores, são escassas e isoladas. Em termos gerais, foram colocados a descoberto 5 muros no total. O muro [UE5] do setor 3, é composto por um muro de alvenaria de pedra e tijolo, muito compacto, com presença de *opus caementicium* num dos seus extremos. Ainda que o aparelho não pareça obedecer a um padrão de construção específico, tendo em consideração os distintos aparelhos de alvenaria construído ao longo do período romano, parece tratar-se de uma estrutura deste período, a julgar pela presença do *opus*, como material ligante (ARKEOHABILIS, 2008:12).

Os restantes 4 muros, encontram-se distribuídos pelos setores 5 e 6. O muro do setor 5 [UE21] apresenta um aparelho construtivo muito semelhante aos muros detetados no setor 6 [UE's 109, 139 e 146] e para além dessa semelhança, encontram-se alinhados entre si, quer paralela, quer perpendicularmente, podendo delimitar um compartimento.

O espólio cerâmico de cronologia romana proveniente do Paço dos Lobos da Gama trata-se de uma realidade numerosa e heterogénea datado do século I até ao século IV/V.

Dentro da categoria de cozinhar, os pratos apresentam alguma diversidade, sendo os pratos com paredes arqueadas e o bordo formando um pequeno lábio afilado voltado para o interior, datados dos séculos I-II d.C., a forma predominante (PINTO, 2003:182). Na última fase de ocupação do Paço dos Lobos da Gama, tendo em conta a forma dos pratos, eram então mais utilizados os pratos covos, dado que é a forma que predomina no século V d.C. Estes continham uma parede oblíqua e reta com o bordo muito espessado (PINTO, 2003:215).

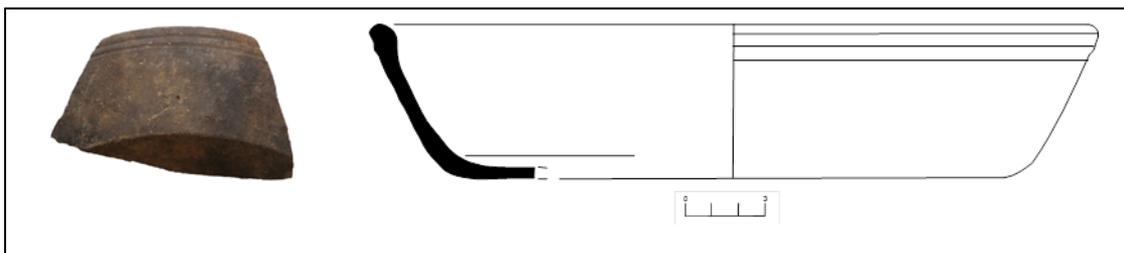


Fig. 2 – Prato covo com a parede pouco aberta e levemente contracurva, lábio arredondado. Forma do Baixo Império (séc. IV-V d.C.).

Dentro dos tachos, a forma predominante é o tacho de bordo horizontal dobrado sobre o ombro, com a pança geralmente ovoide ou esférica, e sem asas, datados dos primeiros séculos do Alto Império (PINTO, 2003:316). Os tachos com as mesmas características, que os anteriores, mas de dimensões menores, foram uma das formas de utilização de longa duração neste local. No século V d.C., os tachos mantiveram as mesmas características na pança, porém os bordos tinham forma de coração.

Ainda dentro da categoria de cozinhar, as panelas, predomina uma forma tardia, datada dos séculos IV-V d.C., apresenta um pequeno bordo em aba horizontal, voltado para fora e a pança é geralmente ovoide (PINTO, 2003:361). Existem igualmente formas de longa duração, e as formas mais tardias do século V d.C. eram geralmente com bordo oblíquo formando garganta interna pouco pronunciada, pança ovoide e por vezes com asas e os fundos que apresentam características simples e são geralmente rasos.

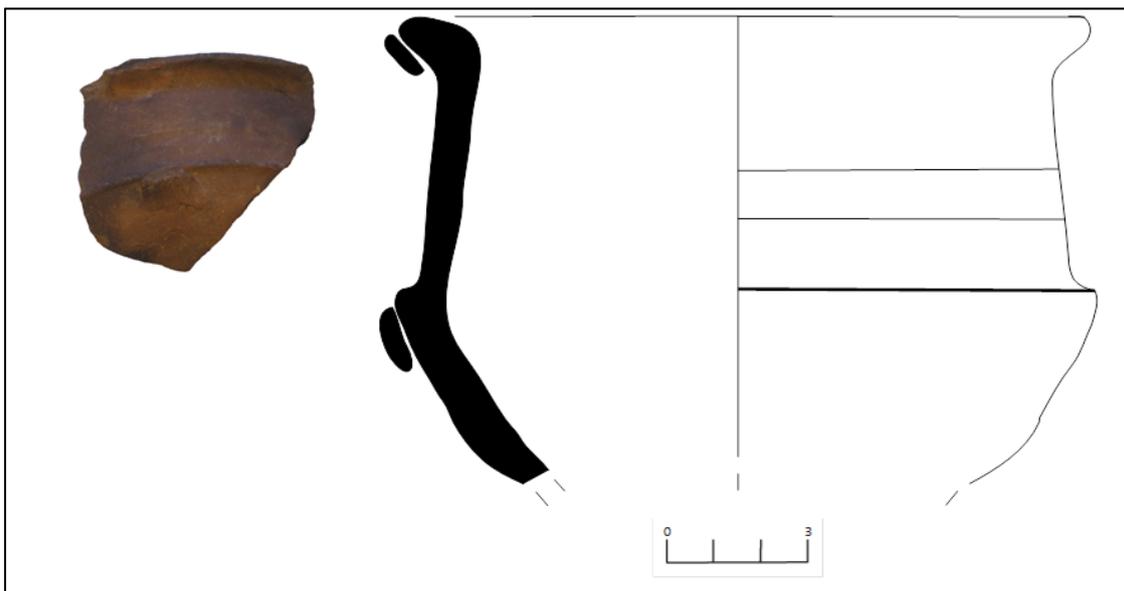


Fig. 3 - Panela de bordo oblíquo, espesso e anguloso, pança ovoide, com carena e arranque de asa. Séc. IV-V d.C.

Quanto aos recipientes de preparação, como os almofarizes e os alguidares, estes têm uma presença pouco significativa. Os fragmentos de alguidares encontram-se presentes no Baixo Império, aproximadamente entre os séculos IV e V d.C. Quanto aos almofarizes, surgem peças de cerâmica comum e importadas da região da Bética, em que a maioria possuem bordos arredondados, com pastas rugosas e claras de matriz calcária, datados dos primeiros séculos do Alto império (QUARESMA, 2006:165).

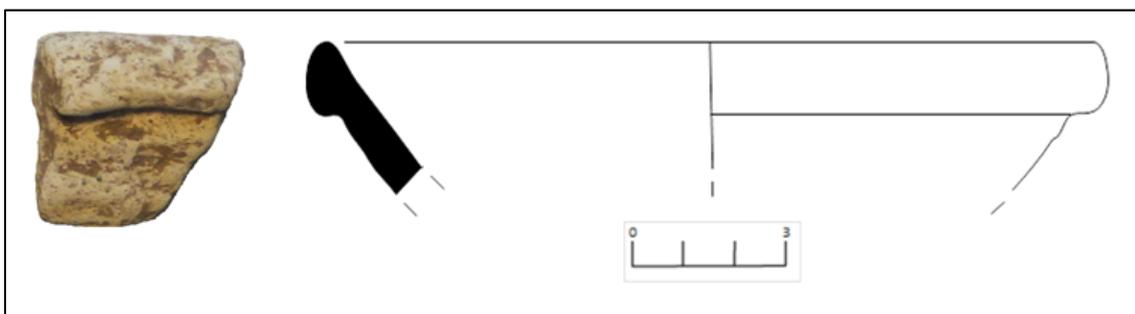


Fig. 4 - Almofariz da Bética de bordo arredondado. Primeira metade do século I d.C.

Quanto aos recipientes utilizados para servir refeições e usados para comer, predominam as tigelas, esta é a forma mais abundante de todo o conjunto. A maioria apresenta a parede arqueada e o bordo formando um pequeno lábio voltado para o interior (PINTO, 2003:237), datado dos séculos I-II d.C. Dentro desta forma, encontra-se apenas uma tigela com a presença de marcas de fogo no seu exterior. Os fundos das tigelas são geralmente rasos e simples com o interior bastante liso. Relativamente às formas tardias, do século IV, destaca-se um fragmento de tigela com a parede contracurva formando uma carena a meio da pança, e com a parte superior voltada para fora (Fig. 5). Esta forma reproduz os perfis da forma Dragendorff 37, de *Terra Sigillata* Hispânica tardia (PINTO, 2003:256).

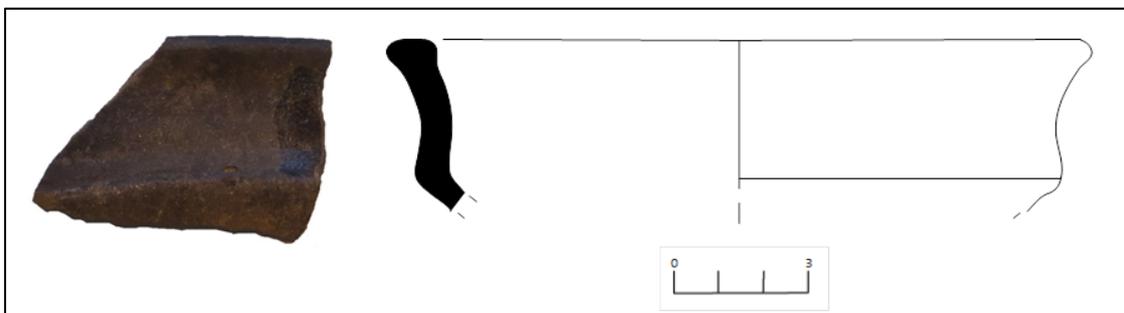


Fig. 5 – Tigela com a parede contracurva, formando carena a meio da pança. Imitação da forma Drag. 37, *Terra sigillata* Hispânica. Séc. IV-V d.C.

Dentro dos potinhos, predominam formas tardias do século IV, de bordos oblíquos amendoados ou espessados e de panças esféricas ou ovóides. Em relação aos fundos, alguns apresentam grafitos cruciformes inscritos na parte exterior ou marcas circulares de fio de quando foram arrancados do torno. São geralmente côncavos, com um pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar. Destaca-se apenas um fragmento de pasta cinzenta escura, fina e polida (Fig. 6), datado da segunda metade do século I-II d.C. (ALARCÃO, 1974:87).

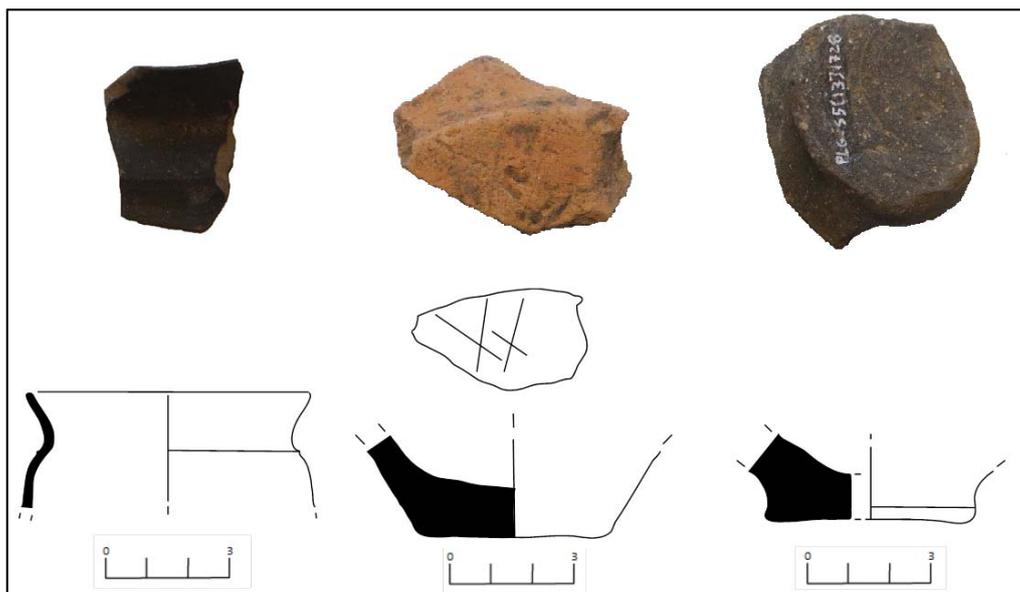


Fig. 6 - Potinho de cerâmica fina cinzenta polida. Fundo raso e simples de forma fechada, talvez de potinho com grafito cruciforme inscrito no exterior, de meados do século II até meados do século IV. Fundo levemente côncavo, com pequeno rebordo de potinho, com marcas de arranque a fio do torno no exterior, do séc. I-II d.C.

Os fragmentos de terrinas e de jarros/bilhas são igualmente pouco significativos. As terrinas são geralmente carenadas, com bordos espessados (PINTO, 2003:301), datadas do século IV. Os jarros/bilhas, entre os séculos I e II d.C. apresentam o colo com dobra formando um ressalto exterior pronunciado, enquanto, as formas tardias já são mais simples mantendo um colo pronunciado mas bordo levemente amendoado.

Os recipientes de armazenamento como os potes e talhas também não abundam, predominam os potes com bordo voltado para o exterior, do Alto Império (séculos I-II d.C.). Quanto às talhas apenas foram identificados 8 fragmentos de bordos voltados para o exterior e panças esféricas. Ainda em cerâmica comum foi encontrado um fragmento de forma fálca, que possivelmente pertence a um vaso ritual, cuja pasta é acastanhada, porém aparenta possuir engobe de cor alaranjada (Fig. 7).



Fig. 7 - Forma fálca de vaso. Séc. II-III d.C. (?)

Quanto ao conjunto de importações de paredes finas e lucernas alto-imperais, estes revelam que Évora mantinha uma relação comercial com a capital provincial. Em termos tipológicos, os conjuntos são béticos e hispânicos, alguns indeterminados, e do lado das lucernas destaca-se um fragmento local/regional. Quando às paredes finas importadas de *Augusta Emerita*, destaca-se um fragmento de bojo (Fig. 8) em forma de taça (?), do tipo Mayet LXIX, com decoração em folha de água, do século I (BÉLTRAN, 1990:180).

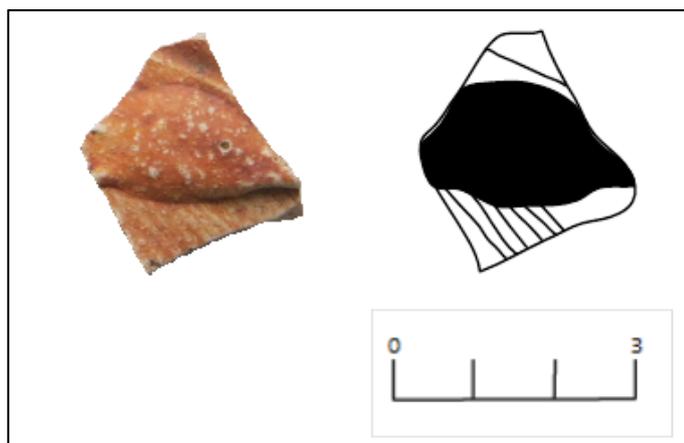


Fig. 8 - Paredes finas emeritense com decoração de folha de água.

Outro fragmento emeritense (Fig. 9), com pasta branca/bege clara e engobe laranja, aparenta igualmente ter a forma de uma taça (?), do tipo Mayet XLIII, decorada com bandas de guilhoché aplicado obliquamente, do século I-II d.C. (Fig. 9) (QUARESMA, 2003:512). Possivelmente também com forma de taça (?), destaca-se um fragmento com decoração em lúnulas, do tipo Mayet 37, proveniente da Bética (Fig. 9) (BÉLTRAN, 1990:180).

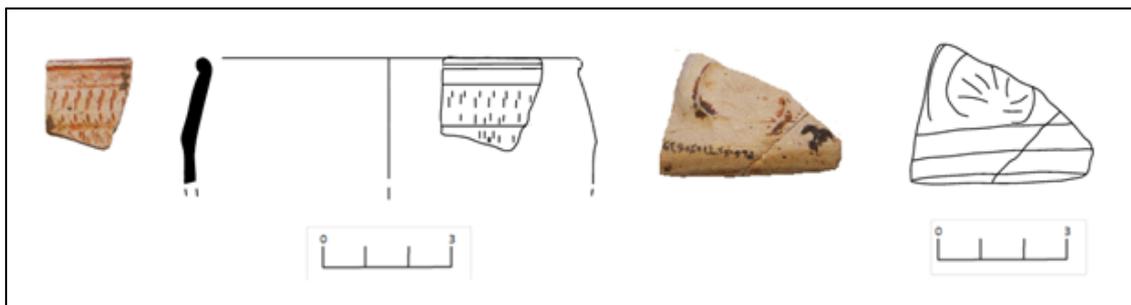


Fig. 9 - Fragmento de paredes finas emeritense decorado com bandas em guilhoché aplicado obliquamente. Fragmento de paredes finas da Bética com decoração em lúnulas.

Em relação às lucernas, foram destacadas aquelas que se encontram em melhores condições de conservação, possuidoras de uma elevada qualidade técnica e artística. Ambas pertencem à tipologia Dressel-Lamboglia 11, uma produção Hispânica de origem Bética (CÉRDAN, 2009:70). Segundo as suas características, a lucerna que tem a concha de vieira estilizada, é de cronologia tardia, apresenta uma pasta esbranquiçada, dura, com engobe castanho-alaranjado (Fig. 10). A orla é larga e encontra-se separada do disco por uma canelura, o qual é côncavo e decorado com uma vieira (bivalve). Esta lucerna não apresenta vestígios de asa e provavelmente possuía um bico arredondado ornamentado de volutas duplas. Esta lucerna é idêntica às produções de Híspalis (Sevilha), em que Jacobo Vázquez Paz (PAZ, 2004:424) faz referência igualmente a lucernas cujos discos apresentam moldes de bivalves.

A segunda lucerna (Fig. 10) é também uma lucerna de volutas duplas de pasta bege e engobe castanho, em que a orla apresenta duas caneluras, com uma moldura que a separa do disco. Esta é também uma produção Hispânica (Bética), forma Dressel-Lamboglia 11, do século I-II d.C., a sua decoração apresenta a representação de Baco com cachos na cabeça e uma pantera. Encontra-se um paralelo em Tróia, de uma lucerna com representação de Baco isolado³. (Fig. 10).

Relativamente aos restantes fragmentos, em termos gerais, são provenientes da Bética, alguns fragmentos de asas talvez do tipo Rio tinto-Aljustrel e um único fragmento, aparenta ser uma produção local/regional, de pasta cinzenta e engobe alaranjado (Fig. 10).

³ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=134167>

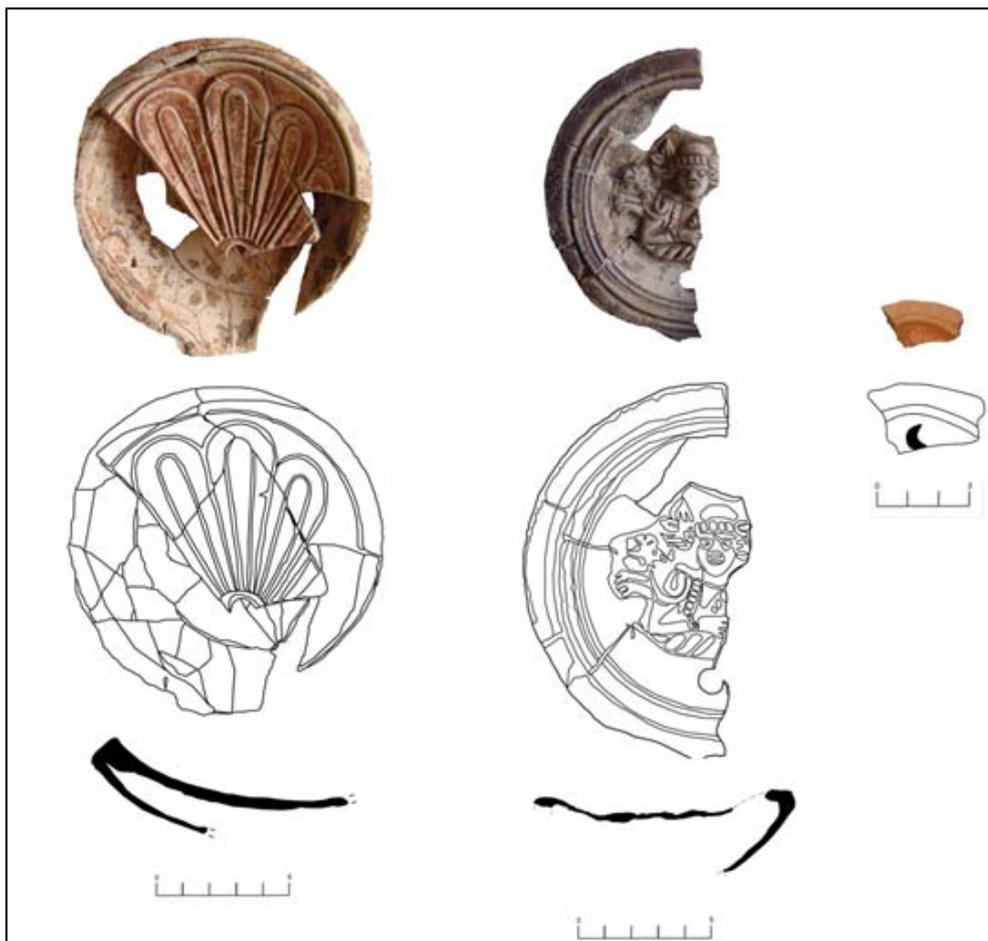


Fig. 10 - Duas lucernas do tipo Dressel-Lamboglia 11, produções Hispânicas de origem Bética. Fragmento de lucerna de produção local/regional.

Em relação à *Terra Sigillata*, este é um conjunto mais diversificado e que atinge cronologias mais tardias, como os de *terra sigillata* africana. Em termos gerais, o conjunto varia entre *terra sigillata* itálica, sudgálica, hispânica e africana. Temos o caso de um fragmento de pasta acinzentada, sem engobe, que poderá ser uma imitação em cerâmica comum de *terra sigillata* Sudgálica (talvez uma Drag. 33) ou simplesmente ser uma forma em cerâmica comum completamente desfigurada pelo fogo (Fig. 11). Foi destacado um único exemplar de uma *terra sigillata* sudgalica marmoreada, um bordo com carena e decoração em caneluras no bojo, talvez de uma tigela, do tipo Drag. 24/25, do século I d.C. (Fig. 11) (QUARESMA, 2012:98).

Com marca de oleiro foram destacados 3 fundos muito fragmentados, um deles (Fig. 11), trata-se de um fragmento de fundo anelar de tigela de *terra sigillata* Sudgálica do tipo Drag. 27, fabricado em La Graufesenque, com marca de oleiro – OFIC BILIC. Billicatus/Bilicatos é um dos principais exportadores de La Graufesenque, de grande longevidade, em ação até aos finais do principado de Cláudio

(século I d.C.) (SILVA, 2012:429). Encontra-se um paralelo na Praça da Figueira, em Lisboa (SILVA, 2005:151).

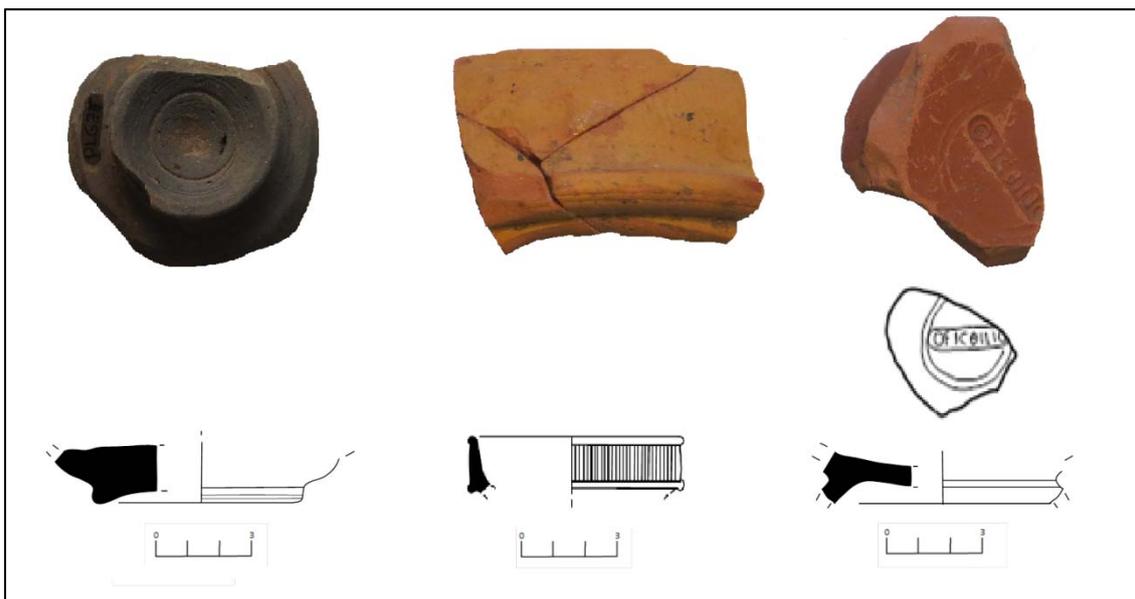


Fig. 11 – Fundo de *Terra Sigillata* ou imitação em cerâmica comum. Bordo de *Terra Sigillata* Sudgálica marmoreada. Fundo com marca de oleiro de *Terra Sigillata* Sudgálica com marca de oleiro.

Quanto ao conjunto de numismas, é composto por 10 moedas no total, 9 de cobre e 1 de prata (Fig. 12). A maioria das moedas são datadas dos séculos III-IV d.C., com exceção de duas de cobre e a de prata que são datadas do século I-II d.C. Em relação à moeda de prata, à partida é uma moeda rara, visto que ainda não se encontrou nenhum paralelo em território português.



Fig. 12 – Denário de Cláudio I (41-54 d.C)

Anverso: [TI CL]AVD CAESAR AVG PM TR P VIII[...], cabeça laureada para a direita; Reverso: PACI [AVGVSTAE]; Nemésis caminhando para a direita apontando caduceu para serpente à sua frente.

No que respeita às estruturas encontradas de cronologia islâmica, foram encontrados diversos vestígios de habitações de cronologia islâmica, nomeadamente 8 silos, um poço e uma fossa, os quais intercetam a estratigrafia de uma estrutura de época romana.

Foi registado um conjunto arqueológico bastante numeroso e heterogéneo, cronologicamente integrável entre o final do século XI e Século XII, do qual o material que mais se verifica é a cerâmica. Os achados recolhidos apresentam características morfológicas, tecnológicas e ornamentais tipicamente almorávidas, dos finais do século XI e século XII. A título de exemplo, denotam-se as panelas com configurações algo achatadas e colo de reduzidas dimensões com carena vincada. (LOPES e SANTOS, 2012:2) e os candis, totalmente vidrados e com reservatório de tamanho reduzido em detrimento do bico, contrariamente às formas do período omíada (GONÇALVES, 2007, p. 664).

O jarro é uma forma que se mantém mais ou menos inalterada desde o século VIII e parece ser uma evolução de tipos romanos (GÓMEZ MARTÍNEZ, 2004:475), apresenta aqui características que o balizam no século XII, destacando-se o vidrado a cobrir a totalidade da peça. A forma que surge em maior número é a tigela, a qual é de difícil caracterização cronológica partindo exclusivamente do ponto de vista morfológico, no entanto características como a presença de pé anelar ou acabamentos tecnológicos contextualizam todo o conjunto no século XII. Destacam-se as formas totalmente cobertas com vidrado melado, de cores variadas (verde, castanho, etc.), uma tipologia ornamental bastante relatada por todo o al-Andalus, resultado de uma evolução tecnológica que se generaliza a partir do final do século XII à louça de uso comum produzida localmente no Gharb.



Fig. 13 – Conjunto de cerâmica comum do século XII.

No conjunto de tigelas, além do uso dos melados monocromáticos, está também presente a combinação bicromática com recurso ao óxido de manganês, misturando assim o vidro melado com linhas de cor negra (óxido de manganês), pode-se observar motivos geométricos, com traços tangentes e secantes, mas também motivos fitomórficos, dos quais se destaca a representação esquemática da flor de lótus.

A partir do final século XI a cerâmica assume características algo distintas das do período omíada (GÓMEZ MARTÍNEZ, 2004:474), ao nível das técnicas de fabrico, vimos uma melhor adaptação das características técnicas das peças à função a que se destinavam (GÓMEZ MARTÍNEZ, 2004:474), verificamos de igual forma algumas diferenças ao nível ornamental e iconográfico, “observamos uma enorme profusão de motivos, especialmente nas formas fechadas. Nas formas abertas a complexidade é menor, com exceção do reflexo metálico e dalguns vidrados em melado e preto de manganés, com estilo peculiar, de entrelaçados retilíneos e de epigrafia profusamente ornamentada com temas fitomórficos” (GÓMEZ MARTÍNEZ, 2007:104).

Relativamente à fossa, o contexto em análise EU- 65, era composto por uma camada de sedimento medianamente grosseiro, algo argilosa e de tonalidade esverdeada quando seco, denunciando abundância de fosfatos. Trata-se da segunda camada de enchimento da fossa séptica. O enquadramento cronológico data dos finais do século XI e aponta o seu abandono para inícios do século XII, atendendo à cronologia da moeda atrás referida e de um candil aqui encontrados. Daqui é proveniente um conjunto de materiais carpológicos e faunísticos, os quais, comprovam uma dieta bastante variada por parte das populações, onde a componente cerealífera e a presença das leguminosas tornava a alimentação mais equilibrada e os solos mais produtivos. O consumo de fruta também está documentado (Coradesci, et ali, 2014).



Fig. 14 – Jarro e candil vidrados e tigela ornamentada com “melado e manganês”.

2. Conclusões

Segundo a linha de pensamento de José Mattoso, o mundo antigo caracterizava-se essencialmente pela preferência do mundo urbano em detrimento do rural, situação que amortece na transição para o cosmos visigótico. Após uma degradação urbana generalizada no final do mundo romano, vai surgir uma fuga para o mundo rural, associado a uma degradação administrativa que degenerou nos primórdios do sistema feudal (MATTOSO, 1997:323-356).

Resultado da crise do século III e numa lógica de defesa, foi levado a cabo a construção de muralhas em muitas cidades, sinónimo de um absoluto atrofiamiento urbano, além de Évora pode-se observar este fenómeno em cidades como Lisboa, Conímbriga, Cáceres, Idanha, Mérida, Mértola, Beja, etc. Os frequentes ataques de Vândalos e Suevos a cidades do Sul parecem ter quase sempre o carácter de ações de pilhagem. Estas construções seriam fundamentais para evitar ao máximo estas ações beligerantes, seriam no entanto insuficientes para evitar totalmente a penetração destes “invasores” no meio urbano (MATTOSO, 1992:323- 324).

A fundação da muralha de Évora é tardo romana, do final do século III-IV d.C., como comprova o seu sistema construtivo de silharia em *opus quadratum*, garantindo solidez defensiva em parceria com torres quadrangulares de 4,50 m de largura, dispostas sequencialmente de 20 em 20 metros (GARCÍA Y BELLIDO, 1971:85-92) e o facto da

construção desta “rasgar” uma *domus*, como é o caso da Casa de Burgos, datada do século III. O facto de Évora ter sido considerada sede episcopal no século VI (FOUSSIER, 1988:379) com representação nos Concílios visigóticos de 597 a 634, pode indicar, de modo genérico, financiamento e cuidado em manter a muralha operacional em tempos sociopolíticos tão atribulados (MATTOSSO, 1992:17).

Esta muralha definirá os limites da cidade até à segunda metade do século X, e nesses limites está talvez a chave para decifrar as relações que o núcleo islâmico inicial (séculos VIII, XI e X) mantém com o então próximo passado romano prolongado na Antiguidade tardia visigótica (FERNANDES; VILAR, 2007:1).

O facto de se encontrarem materiais provenientes do fórum romano na estrutura da muralha prova que apesar de subsistir algum respeito pelo traçado ortogonal romano e pela topografia, durante os períodos seguintes, nomeadamente durante as reconstruções do período islâmico⁵, o fórum é abandonado, e reutilizado em outras construções. A partir da segunda metade do século X, verifica-se um crescimento urbano em Évora, como atesta este arrabalde, situado na encosta da “alcáçova”. Numa análise à cartografia relativa à dispersão da cerâmica nos sítios arqueológicos observa-se que, na transição do período emiral para o califal existe uma evolução da ocupação na cidade, partindo da zona central em direção à muralha, extravasando-a a partir de 929 d.C., fato que se acentuará já em finais do século XI com o surgimento de um segundo arrabalde na zona Oeste, como confirmam os achados do Paço dos Lobo da Gama.

Um acontecimento crucial na história da Évora islâmica, sobretudo pelo forte impacto que ecoou nas ostes muçulmanas por todo o al-Andalus, foi o saque levado a cabo por Ordonho II em 912, descrito na parte V da obra *al-Muqtabis*, este assiste como ponto de observação privilegiado da cidade do século IX e X, permitindo tecer algumas conjeturas. A primeira análise prende-se com o facto da cidade durante os primeiros séculos do período islâmico ter mantido as estruturas herdadas da antiguidade, com poucas alterações. É notória a ausência de arrabaldes no momento do saque, facto que se liga a uma cidade sem crescimento económico e urbano. Crescimento que só se fará sentir na segunda metade do século X. como confirmam os vestígios de habitações encontrados na cerca de Sta. Mónica.

⁴ MATTOSSO, José, *A cidade Medieval na Perspectiva da História das Mentalidades*, in: Cidades e história, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1992, Pp.17.

Os vestígios osteológicos funcionam como fator delimitador da cidade nos diferentes períodos. Observa-se duas necrópoles mais antigas, uma na zona da Praça do Geraldo e outra nas Portas de Moura⁶, ambas junto à muralha. Será portanto factual que até aos finais do século XI a cidade se mantém com a geografia mais ou menos definida pela muralha tardo-romana. O período de crescimento califal é consentâneo com a reconstrução da cidade pós-saque, a partir deste momento surge o crescimento urbano, aliado logicamente ao crescimento financeiro e comercial, da cidade e de todo o al-Andalus. Surgem então os primeiros arrabaldes e já no século XII, a cidade toma nova forma, sendo potenciada por um crescimento habitacional célere, como constatamos na quantidade de pontos geográficos de onde surgiram vestígios relacionados com o período almorávida.

O crescimento da cidade iniciado no século X toma corpo no século XI, chegando ao seu apogeu já no início do século XII. Fatos arqueológicos como a presença de necrópoles bastante mais afastadas da muralha antiga⁷, e uma quantidade relevante de “novos” sítios em que os materiais apontam para uma cronologia exclusiva do século XII, ao contrário dos sítios centrais em que os vestígios abarcam todas as fases do período islâmico. São testemunhos que sugerem um vincado crescimento urbano no século XII. Com um crescimento urbano a crescer intensamente e com o assédio cristão a mostrar força⁸, não é desapropriada a hipótese de ter existido uma segunda linha de muralha na cidade construída em finais do século XI e inícios do XII.

As muralhas de Évora neste período teriam as características poliorcéticas que agora se desconhecem? Não é impossível, dado que, segundo a crónica do eborense Christovão Rodrigues Acenheiro⁹, D. Fernando de Portugal terá mandado destruir grande parte da “cerca velha” (CORREIA, Fernando Branco, pp.664-665).

⁶ Balizamento cronológico comprovado por análises de radiocarbono. – FERNANDES, Teresa Matos "Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na Praça do Geraldo, sondagem Santo Antão (Évora) ", 2002.

⁷ Necrópole da zona do Antigo Convento de S. Domingos (hoje um complexo habitacional e um parque de estacionamento em frente ao Teatro Garcia de Resende).

⁸ Veja-se o impacto que o saque de Évora por Ordonho II teve no seio do poder muçulmano, exemplo disso é a forma como Ibn- hayan se refere ao príncipe galego no texto al-Muqtabis. E na obra de Fernando Correia Branco, todo o processo de conquista cristã.

⁹ “E despoys, era de mil e quatrocentos e dezoito, maóudou este Rei derribar a cerca velha d’Evora, que era a mylhor couza d’espanha” – Christovão Rodrigues Acenheiro, *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, in: *Collecção de Inéditos de História Portuguesa*, tomo V, Lisboa, Real Academia das Sciencias, 1824, P. 146.

Esta hipótese parece bastante plausível, no entanto não se pode afirmar que a cintura que hoje se vê da muralha fernandina de Évora possa corresponder à segunda muralha islâmica, considerando inovações da Ordem de Avis que possam também ter sido destruídas na fase fernandina. Esta hipotética “segunda cerca árabe” pode em alguns troços ter coincidido com as linhas Fernandinas, no entanto parece um pouco exagerado que tivesse tais dimensões. As referidas necrópoles que apontam cronologicamente a este período são um fator delimitador da mancha urbana e desta possível muralha, até porque não se verificam vestígios de ocupação muçulmana para lá destas linhas de necrópole.

3. Considerações Finais

As intervenções arqueológicas no Paço dos Lobo da Gama proporcionaram um apreciável conjunto de dados, que conforme se demonstrou permitem formular, com base nos vestígios arqueológicos, hipóteses acerca da evolução urbana da cidade de Évora desde o século I d.C. até ao século XII. Colocaram a descoberto diversas estruturas do período romano, das quais se destacam muros com presença de *opus caementicium*, (ARKEOHABILIS, 2008:12) que apesar de em termos quantitativos não ser relevante e de não apresentar qualquer outro indício da sua função, poderá conjecturar-se que este poderia ser um local de habitação – *domus*, fundada no século I d.C. e abandonado no século V. Esta afirmação é reforçada pela presença de um conjunto cerâmico relevante com características utilitárias relacionadas com o mundo doméstico.

Após a construção da Muralha no final do século III/IV é sentido um abandono da zona exterior da mesma, fixando-se toda a população na zona intramuros, facto que se justifica, pela necessidade de proteger a população dos saques e pilhagens documentados neste período por parte dos povos germânicos.

Desde o século V até ao século XI, a cidade manter-se-á sem grandes alterações, sendo a ausência de arrabalde um indício de crescimento económico e populacional, nulo. Apenas no final do século X a cidade inicia um processo de crescimento, justificado no repovoamento e ajuda económica de que é alvo, por parte de Badajoz, na sequência do saque em 912. É nos séculos XI e XII que atinge um o fulgor económico

e urbano. Facto comprovado pelos vestígios encontrados no local em análise, que indicam a ocupação do espaço a partir do final do século XI e século XII.

Bibliografia

ARKEOHABILIS (2008) - *Relatório de Progresso de Trabalhos Arqueológicos - Escavação e Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Reabilitação do Paço dos Lobos da Gama Rua Serpa Pinto n.º 50 a 56, Évora.*

ARKEOHABILIS (2009) - *Projecto de Reabilitação do Paço dos Lobos da Gama – Évora - Escavação e Acompanhamento Arqueológico. Relatório final – 2ª Fase*

ALARCÃO, Jorge de (1974) – *A cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

BALESTEROS, Cármen e Mira, Élia (1993-1994) – *As Muralhas de Évora. A Cidade*. Jornadas Interdisciplinares. Vol. I. Lisboa: Universidade Aberta.

CÉRDAN, Morillo; MARTIN, Rodriguez (2009) – *Lucernas Hispanorromanas*. Mélanges de la Casa de Velázquez. Madrid: Universidad de Madrid.

CORADESCHI, Ginevra; MOURER, Anne-France; SANTOS, José Rui; LOPES, Gonçalo; VIGNOLA, Cristiano; SADORI, Laura; DIAS, Cristina (2015) - *Archaeobotanical investigation of Paço dos Lobos de Gama archaeological site: an Islamic suburb of the city of Évora (XIth century)*. Congresso Ibérico de Arqueometria – Laboratório Hercules. Évora: Universidade de Évora.

CORREIA, Fernando Branco (2010) - *Fortificação, Guerra e Poderes no Gharb al-Andalus* - Tese de Doutoramento, policopiada.

FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia (2001) - *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, Revista Monumentos nº 26.

FOUSSIER, Robert (1988) - *La Edad Media. La formación del mundo medieval*. Barcelona: Ed. Critica.

GARCÍA Y BELLIDO, António (1971) – *El recinto mural romano de Évora- Liberalitas Ivliá. Conimbriga X*. Coimbra: Universidade de Coimbra- Instituto de Arqueologia.

GONÇALVES, Maria José; PIRES, Alexandra; MENDONÇA, Carolina (2007) - *Evolução tipológica de um conjunto de utensílios de iluminação de um arrabalde islâmico de Silves. Vipasca. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. N.º 2. 2ª série.*

- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2007) - Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ándalus. Seminário - *A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro*, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- LOPES, Gonçalo; SANTOS, José Rui (2012) - *Cerâmicas islâmicas da natatio das termas romanas de Évora*. Silves: X Congresso Internacional A Cerâmica no Mediterrâneo.
- LLORIS, Miguel Béltran (1990) – *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2004) - *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*. Tesis Doctoral. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- DELFANTE, Jean Pelletier (1997) - *Cidades e Urbanismo no Mundo*. Instituto Piaget.
- MATTOSO, José (1997) - A época sueva e visigótica. *História de Portugal*. Vol. I – Antes de Portugal. Lisboa: Ed. Estampa.
- MATTOSO, José (1992) - A cidade Medieval na Perspectiva da História das Mentalidades. *Cidades e História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PAZ, Jacobo Vázquez (2004) – *Produccion de lucernas altoimperiales en Hispalis: el taller de la plaza de la encarnacion de Sevilla*.
- PINTO, Inês Vaz (2003) – *Cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Coleção TESES, Universidade Lusíada Editora, Lisboa.
- QUARESMA, José Carlos – *Le commerce de céramiques fines à Ammaia, une ville à l'intérieur sud de la Lusitania*. (No prelo)
- QUARESMA, José Carlos (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano*. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- QUARESMA, José Carlos (2006) – *Almofarizes Béticos e Lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos*. Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 9. N° 1.
- SILVA, Rodrigo de Araújo (2005) – “*Marcas de oleiro*” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.). Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Braga.
- SILVA, Rodrigo de Araújo (2012) – *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península Ibérica*. Universidade Nova de Lisboa.
- VAL-FLORES, Gustavo (2005) – *A evolução urbana do Centro Histórico de Évora – Eborā Liberalitas Iulia. Território e Cidade – Séc. I a.C. – IV d.C.* Edição da Câmara Municipal de Évora

